

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: *OSP (geral)*

Data: *8/01/2002* Pg *116*

Class.: *5*

Parceria com alemães traz oxigênio financeiro

Fotos Liana John/AE

Contratos de conservação com o KfW viabilizam projetos na mata atlântica

ITAMARAJU – Para quem trabalha nos projetos de conservação da mata atlântica e Amazônia, a sigla KfW já se tornou sinônimo de oxigênio financeiro. É pelo banco alemão Kreditanstalt für Wiederaufbau, o KfW, que fluem os recursos para fortalecimento institucional de órgãos de governo ou entidades não governamentais e para investimentos em projetos inovadores de conservação da floresta tropical, numa das melhores parcerias binacionais que o Brasil mantém na área ambiental.

A Alemanha garantiu, na última década, recursos de US\$ 100 milhões, no âmbito do Programa Piloto para a Conservação das Florestas Tropicais no Brasil (PP-G7), contribuindo com 41% do total de recursos. Foram 6 projetos com os gover-

nos estaduais (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas Gerais), para apoio a 56 unidades de conservação e reforço da infraestrutura de fiscalização e monitoramento; mais os projetos com o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), em 15 parques e reservas federais; apoio ao processo de criação do Corredor Ecológico Central da Mata Atlântica, na Bahia e Espírito Santo, e linhas de financiamento a 44 Projetos Demonstrativos (PD/A), com ONGs e pequenas comunidades.

Negociação – Na última semana, ainda foram assinados dois novos contratos, com o Ministério do Meio Ambiente (MMA), no valor de US\$ 17 milhões, para os Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas (PDPI) e

Projeto de Manejo dos Recursos Naturais da Várzea, ambos na Amazônia. E está em negociação mais uma linha de financiamento a Projetos Demonstrativos, de aproximadamente US\$ 15 milhões, que deve sair até o final do ano.

No sul da Bahia, a cooperação alemã financia a implantação de sistemas agroflorestais, por meio da organização não governamental Terra Viva. São 54 famílias em Itanhém e 44 em Riacho das Ostras, desde 1996. Há 2 anos começou também um projeto na gleba Jucuruçu, com 60 famílias.

“Ainda não é aquele sonho da gente, mas a reeducação que tive com os meninos foi colocando aquilo nas idéias e já tem broto nativo, já tem planta para adubação verde, tem cerca viva, que é uma coisa da gente fi-

NO SUL DA BAHIA, UM NOVO SISTEMA

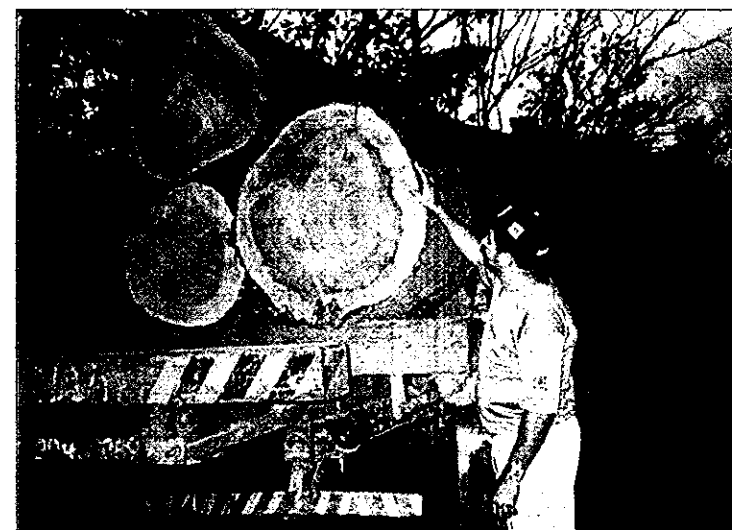
car emocionado.” Assim Sabino Coelho, de 52 anos, começa a contar como deixou as práticas tradicionais de agricultor familiar, no sistema rotativo de derrubada de mata, queimada e plantio de mandioca, para se transformar num dos 44 plantadores de pequenas matas do Assentamento Riacho das Ostras, município de Itamaraju.

Os “meninos” a que ele se refere são agrônomos e educadores do Terra Viva, que dá assistência nas práticas de agricultura orgânica e plantio de árvores da mata atlântica e mantém a Escola Livre, onde são discutidos os problemas surgidos nas lavouras e reflorestamentos e as soluções possíveis, dentro do conceito de sustentabilidade.

O assentamento tem 5 quilômetros de divisa com o Parque Nacional do Descobrimento, de 21.129 hectares. O trabalho com os assentados visa criar alternativas sustentáveis de renda para as famílias, ao mesmo tempo em que forma uma zona de amortecimento para atenuar as pressões de atividades huma-



Sabino Coelho, agricultor: “Antes a gente era obrigado a cometer os crimes do desmatamento”



Extração da madeira era uma das poucas atividades da região

nas sobre a área protegida. Na região, ainda ocorre a extração ilegal de madeiras nobres, caça e incêndios e o plantio de pequenos bosques, nos lotes dos assentados, facilita a circulação da fauna e inibe a depredação.

Mas, dentro do Riacho das Ostras, com a ajuda do Terra Viva, iniciou-se uma verdadei-

ra revolução na tradição dos agricultores assentados. Hoje, eles já separam 25% do lote para preservação de nativas e 15% para fruticultura orgânica, trabalhando apenas em 40% com culturas anuais. E vêm obtendo mais receita do que as 23 famílias do mesmo assentamento, que preferiram continuar no

modelo tradicional. “Antes a gente era obrigado a cometer os crimes do desmatamento, aqui era um fogo só. Agora tem manga, tem roça, mil espécies de planta selvagem”, continua Coelho. As 44 famílias integradas ao projeto produzem, por ano, 30 toneladas de farinha de mandioca, 20 toneladas de urucum e 10 toneladas de frutas, devendo chegar a 56 toneladas a partir 2004.

Recuperação – O plantio de frutas e árvores nativas é todo misturado, imitando a estrutura das matas e favorecendo a recuperação dos solos, extremamente empobrecidos pelas práticas culturais tradicionais. Em muitas áreas do assentamento, há alguns anos crescia apenas sapé, planta indicadora de solos exauridos, ácidos e queimados com frequência. Mas, a partir da sugestão dos “meninos”, o sapé vem sendo vencido pela adubação verde e incorporação de matéria orgânica no solo. (L.J.)